

A ENTREVISTA ENQUANTO FERRAMENTA PARA CONSTRUÇÃO DE VERSÕES DA HISTÓRIA DA ARTE FEITA POR MULHERES¹

Kamila Tatiana da Cruz Bach²

Ronaldo de Oliveira Corrêa³

Resumo

Os Encontros de Arte Moderna de Curitiba (1969-1979) foram eventos promovidos pelo diretório acadêmico da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), com o propósito de promover o debate sobre a arte moderna e a renovação dos repertórios desenvolvidos na cidade, por meio de palestras, ações e oficinas com a participação de críticas e críticos, historiadoras e historiadores da arte e artistas, do circuito nacional e local. Analisando os Encontros a partir do Dicionário de Artes Plásticas do Paraná (2012), de autoria da professora, historiadora e crítica Adalice Araújo (1931-2012), se destaca a participação de artistas mulheres, que se envolveram nestes eventos; a autora cita 10 mulheres para 4 homens. Esses números chamam a atenção, principalmente se colocados em perspectiva a história difundida sobre o evento, na qual predomina a atuação e protagonismo dos artistas homens. Neste trabalho pretende-se refletir sobre como as entrevistas se constituem como ferramenta que possibilite a construção de histórias plurais, e narrem a experiência de artistas mulheres nos Encontros. Utiliza-se de entrevistas com algumas das artistas que participaram dos eventos, Ana Gonzalez, Ligia Borba e Josely Carvalho, como objeto de estudo para a análise. Esse artigo dialoga com reflexões propostas por autoras feministas, como Linda Nochlin (2016) e Ana Paula Simioni (2008) a respeito da ausência de fontes que registrem as experiências de mulheres em eventos marcantes da história da arte de forma geral, e mais especificamente, paranaense e brasileira.

Palavras-chave

História das mulheres. Entrevista. História da arte. História oral. Encontros de arte moderna

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático História oral e gênero: possibilidades teóricas e práticas durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo

² Graduada em Artes Visuais (EMBAP-UNESPAR); Mestranda em Tecnologia e sociedade (PPGTE-UTFPR). kamilacbach@gmail.com.

³ Doutor em Ciências Humanas (PPGICH-UFSC); Professor na Universidade Federal do Paraná - UFPR. rcorrea@ufpr.br.

Introdução

A história da arte tradicional europeia, amplamente difundida por seus clássicos autores, como, Giorgio Vasari, Ernst Gombrich ou Giulio Carlo Argan, é repleta de artistas homens, poucas são as mulheres que aparecem em suas narrativas. No livro *Vida dos artistas de Vasari*, por exemplo, encontramos apenas uma mulher, a escultora Properzia de Rossi (1490-1530), um padrão que segue se repetindo (SIMIONI, 2022, p. 8).

Linda Nochlin (1971) em seu popular texto “Por que não houve mulheres artistas?” vem lembrar importantes elementos deixados à sombra desta pergunta, como as condições precárias para indivíduos que não são homens brancos se consolidarem no universo das artes. Para as mulheres, especificamente, somam-se outras dificuldades, como a impossibilidade de ser estudantes das Academias de Belas Artes ou serem taxadas de amadoras (SIMIONI, 2022).

Os Encontros de Arte Moderna, evento que aconteceu em Curitiba entre os anos de 1969 e 1980, com o objetivo de trazer expoentes da vanguarda artística nacional para a cidade, se apresentam como um bom exemplo de como a história da arte se constitui. Analisando o evento a partir de diferentes fontes documentais e orais nota-se que apesar do evento contar com a participação massiva de mulheres, é a sua minoria masculina que é lembrada pela historiografia do evento.

Entendendo que não somos passivos em relação às pesquisas que realizamos e documentos que acessamos, na falta de fontes que evidenciem a presença das mulheres que participaram dos Encontros de Arte Moderna, a solução foi criar estas fontes por meio de entrevistas. Os Encontros de Arte Moderna foram organizados pelo Diretório Acadêmico Guido Viaro da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, a grande maioria de seus participantes eram estudantes, olhando para as listas de formandos do período que engloba os Encontros vemos que a grande maioria dos discentes eram mulheres, nas turmas que havia muitos homens, elas ainda representam em torno de 80% do total.

A invisibilidade de mulheres, e outros sujeitos, seja na história da arte, acervos, exposições, documentos, entre outros meios, alertam para a urgência da construção de narrativas históricas de novos pontos de vista mais diversos, que incluam as mulheres e outros indivíduos (SIMIONI e ELEUTÉRIO, 2018).

Após o levantamento de nomes de mulheres envolvidas no evento, muitas das quais seguem ativas em suas produções artísticas, através de redes sociais, sites e ativação de contatos pessoais, foi possível realizar entrevistas com algumas artistas que viveram os

Encontros. Estas entrevistas foram realizadas com o objetivo de construir uma versão integralmente constituída por mulheres destes e sobre esses eventos, não apenas evidenciando suas participações, mas construindo espaços onde possamos ouvir essas versões, como por exemplo, esse texto.

Buscando por elas, e encontrando

A pesquisa sobre os Encontros de Arte Moderna teve início no Dicionário de Artes Plásticas, da historiadora, crítica e professora de história da arte Adalice Araújo (1931-2012), onde a autora além de falar sobre os eventos propriamente, se dedica as(aos) artistas que se desenvolveram artisticamente a partir deles, ela elenca 14 artistas, 10 mulheres e 4 homens, um ponto fora da curva se tratando do que geralmente se encontra na historiografia sobre o evento. Aqui encontramos as artistas Mazé Mendes (1950), Stela Schuchovski (1950), Ligia Borba (1952), Laila Tarran (1946), Margarida Weisheimer (1947), Beatriz Corrêa (1952), Carmen Carini (1948), Sônia Gutierrez (s/d), Margareth Born (1952) e Marcia Simões (1948).

Na sequência, na busca por mais informações, foi realizado um levantamento na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional por periódicos do período, na catalogação e sistematização destes documentos encontram-se 127 nomes, 41 mulheres e 86 homens, ainda que as mulheres representam metade dos homens, devemos lembrar que trata-se de textos da década de 1970, muitos de autoria de Adalice Araújo, que mantinha uma coluna no jornal Diário do Paraná. Estes arquivos documentam a participação de artistas que foram convidadas a proferirem palestras, cursos, exposições e coordenar atividades, Fayga Ostrower, Anna Bella Geiger, Josely Carvalho, por exemplo.

O livro "Festa no Vazio: Performance e contracultura nos Encontros de Arte Moderna" de Artur Freitas, busca reconstruir os Encontros de Arte Moderna. Na parte final de seu livro Freitas constrói uma tabela de mapeamento que localiza os principais elementos que compõem cada uma das onze edições do evento, incluindo, por exemplo, as coordenadoras Lúcia Monte-Serrat e Laira Taran, enquanto presidentes do Centro Acadêmico Guido Viaro, e exposição individual da artista Betty Giudice. Além das fontes contidas na Hemeroteca Digital e acervos públicos, o autor utiliza entrevistas para elaborar sua reconstrução. São 5 entrevistados: Fernando Bini, Key Imaguire, Artur Barrio, Elvo Benito Damo e Lauro Andrade. Entre os citados, Key Imaguire e Fernando Bini cederam fotografias de suas autorias, que retratam as edições dos encontros, estas fotografias são conceitualizadas e seus protagonistas identificados por Ana Gonzalez. Nestas imagens que registram os Encontros

podemos ver a participação em massa de mulheres nas atividades dos Encontros, localiza-se , por exemplo, as artistas Ana Gonzalez, Silvia Folloni, Eliane Borges e Marcia Simões, realizando experiências artísticas e construindo obras durante o Sábado de Criação, no III Encontro. Contudo, nenhuma dessas artistas foi entrevistada ou participa como personagem ativa na versão sobre os eventos.

Com a análise, catalogação e sistematização de todas as fontes apresentadas, foi possível criar um mapeamento das mulheres que participaram dos encontros, composto por 77 nomes, distribuídas entre participação espontânea, em sua maioria estudantes da EMBAP, coordenação, integrantes do Diretório Acadêmico Guido Viaro, curso e palestras, convidadas de várias partes do país, e exposições e proposições artísticas, formadas por convidados ou estudantes. A maior parte destas mulheres participaram de mais de uma edição e se envolveram de diferentes formas ao longo dos Encontros, muitas vezes dando tom ao evento.

As entrevistas

Partindo do mapeamento das mulheres que participaram dos Encontros, foi possível selecionar algumas para serem entrevistadas, o processo de seleção considerou mulheres que participaram ao menos de uma edição do evento, mulheres que trouxessem diferentes perspectivas sobre os acontecimentos, mulheres que tenham seguido com a carreira de artista. Adicionando contatos públicos, institucionais e pessoais, foram entrevistadas seis artistas: Ana Gonzalez, Josely Carvalho, Mazé Mendes, Ligia Borba, Silvia Folloni e Stela Schuchovski, entre outubro de 2021 e março de 2023.

A primeira entrevista foi com Ana Gonzalez (1951, Espanha), que protagonizou uma das mais famosas imagens dos Encontros de Arte Moderna. Iniciou sua carreira artística ainda muito jovem, formada pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, na ocasião dos Encontros era estudante da instituição frequentando as ações promovidas, principalmente na 3º e 4º edição, sendo uma presença de destaque nas imagens existentes. Participa de exposições de arte desde o início da década de 1980, bastante ligada às técnicas de gravura, foi Coordenadora do Museu da Gravura Cidade de Curitiba entre 2009 e 2015.

Josely Carvalho (1942, São Paulo), coordenou as atividades do VI Encontro de Arte Moderna. Artista multilinguagens com formação em arquitetura, foi convidada a estar à frente das atividades de 1974, organizando uma das edições de grande sucesso. Atuante nas artes desde a década de 1960, tem suas primeiras exposições coletivas e individuais nesta mesma década, foi ainda professora universitária nos Estados Unidos e México. Alinhado com suas

pesquisas poéticas, propôs aqui uma gincana ambiental, onde os participantes realizavam as atividades enquanto percorriam diversos bairros da cidade. No momento de sua viagem a Curitiba já se posicionava abertamente como feminista, discussão ainda pouco popular no Brasil.

Mazé Mendes (1950, Laranjeiras do sul) dedica-se à pintura desde a década de 1970, época em que se formou no Bacharelado em Pintura e Licenciatura em Desenho na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Possui um extenso currículo, com exposições individuais e coletivas tanto no Brasil, quanto no exterior. Na ocasião dos Encontros era estudante da escola, participando de alguns cursos.

Ligia Borba (1952, Brusque) é escultora com formação de bacharel em pintura e licenciatura em Desenho. Enquanto estudante participou dos Encontros de Arte Moderna e alguns anos depois retorna a EMBAP como professora da disciplina de escultura, ofício que conciliou com a produção artística, realizando uma extensa série de exposições individuais e coletivas.

Silvia FOLONI (s/d), também foi estudante da EMBAP, é pintora e desenhista, com inúmeras exposições. Durante o II Encontro de Arte Moderna participou da exposição “Arte Jovem”, coletiva, junto com Ana Pereira. Envolveu-se também nas atividades de organização e divulgação do evento no período em que integrou o Diretório acadêmico Guido Viaro.

Stela Schuchovski (Curitiba, 1950), mais uma aluna da EMBAP, em sua produção artística dedica-se à pintura. Junto com Ligia Borba, Mazé Mendes e Laila Tarran, integrou o grupo de breve duração Ponto de Partida, anunciado por Adalice Araújo como um desdobramento dos Encontros de Arte Moderna.

Antes de iniciar o processo de entrevista algo sempre esteve muito claro: a busca pela experiência vivida por aquelas mulheres, o que ficou preservado em suas memórias, com todas as lacunas, exageros e equívocos. Assim, em formato de conversa fluida, sem a rigidez do esquema pergunta-resposta, elas contavam o que foi importante para elas e relacionavam com suas carreiras e produções artísticas.

Durante as entrevistas alguns tópicos foram recorrentes, hora por provocações da entrevistadora, hora por iniciativa das próprias entrevistadas, destaca-se os pontos:

- caracterização política e social da cidade e do país naquele período;
- caracterização dos estudantes da EMBAP, sendo a maioria do sexo feminino;
- relação entre o número de estudantes mulheres e as que de fato seguiram carreira artística;

- cursos, palestras e ações artísticas que mais se destacaram durante os eventos;
- convidados mais importantes;
- importância do contato e troca estabelecida entre os artistas, críticos e curadores convidados com os estudantes;
- desenvolvimento de suas carreiras artísticas próprias.

Assim, cada qual trouxe elementos diferentes e fundamentais para compreender não apenas os Encontros de Arte Moderna, mas o cenário em que estavam inseridos, de uma perspectiva ainda não explorada por aquelas que narram estes eventos, buscando colocar as mulheres na posição de protagonistas.

Transformar memórias em documentos

Um dos maiores empecilhos ao pesquisas mulheres é a dificuldade em localizar arquivos, documentos, fontes em geral que tratam delas. Como sujeitas historicamente invisibilizadas, assim como os negros, pobres, etc., os registros sobre suas existências, carreiras e realizações são ínfimos. Sobre as mulheres, além de questões próprias da história da arte que atinge a todos os artistas, recai ainda outros níveis de problemáticas, “Tradicionalmente, as produções feitas pelas criadoras foram vistas como menos profissionais do que as dos homens, como passatempos de amadoras e diletantes e, portanto, pouco merecedoras de atenção.” (SIMIONI, 2022, p. 8), da mesma forma, tradicionalmente, as mulheres foram limitadas a acessar mecanismos de profissionalização, como ingresso nas Academias de Belas Artes, entre as muitas proibições que lhe foram impostas sob uma justificativa moral, com fundo patriarcal.

Em 2022, Ana Paula Simioni, foi curadora da exposição “Mulheres Artistas: nos salões e em toda parte” na Galeria 132 em São Paulo, que traz artistas que atuaram em períodos não tão gloriosos da arte brasileira no final século XIX e século XX, como a famosa semana de 22. Na busca por conhecer estas artistas, Simione relata a necessidade de “uma pesquisa verdadeiramente detetivesca, pois, em certos casos, não havia nada de mais sistemático escrito sobre elas, e faltavam até mesmo informações biográficas básicas.” (SIMIONI, 2022, p. 13). Para além da necessidade de pesquisar mulheres, é necessário construir documentações sobre elas, Simioni, ajuda no preenchimento destas lacunas construindo verbetes com informações sobre cada uma das artistas que integram a exposição.

Desarticular arquivos e dificultar que saberes marginais se articulem, são estratégias políticas para inviabilizar a existência de Outros, assegurando a reprodução de discursos e imagens hegemônicas. Ainda assim, pequenos arquivos possuem a capacidade de se formar nos “lapsos” de lembranças, confluindo imagens, palavras,

resistências e lutas. As ações arqueológicas de pesquisadores, curadores e artistas trazem o que está submerso para o campo da visão e organizam referências que nos convidam para caminhar por novos saberes. Ao passo que o arquivo inaugura o dizer e permite o início da fala, essas ações arquivistas desenham uma trilha que aos poucos se constrói como caminho, na medida que os fragmentos são coletados e articulados entre si. (SOUZA, 2018, p 38)

Acionar mecanismos de construção de arquivos sobre sujeitos invisibilizados e os inserir na história da arte, é também uma forma de ampliar as possibilidades de hoje para estes sujeitos. Neste sentido que aciono as entrevistas, uma ferramenta metodológica, que passa a ser, também, uma ferramenta de construção de documentos que evidencia histórias até então invisíveis. Ao iniciar a pesquisa sobre os Encontros de Arte Moderna através de fontes documentais, reforça-se a ideia de um evento construído por homens em todas as suas esferas: artistas, críticos, curadores, até mesmo entre os que frequentam os eventos. Lembra-se claramente da participação de Fernando Bini, Key Imaguire ou Olney da Silva Negrão. Na primeira entrevista realizada, porém, ao questionar Ana Gonzalez sobre como era a relação de gênero dentro da EMBAP, ela respondeu prontamente que quase só haviam mulheres, que os homens representavam uma expressiva minoria.

A entrevista traz à superfície elementos vividos por seus interlocutores e que só existem nas entrelinhas da memória, por vezes elementos que não parecem dignos de integrar a história oficial, como necessidade de conciliar os estudos com o trabalho para se sustentar na capital, (MENDES, 2023) ou os burburinhos que ecoavam pelos corredores pela animação em conhecer e aprender com um artista famoso (MENDES, 2023). Com a sistematização destes saberes o que é uma memória passa a se constituir enquanto documento que pode ser compartilhado, disseminado e discutido, ampliando as possibilidades de pensar e questionar o acontecimento e sua própria história.

Considerações finais

Esse artigo parte de uma compreensão fundamental no processo de pesquisa sobre os Encontros de Arte Moderna, de que é essencial construir não apenas novas versões sobre a historiografia sobre o evento e, de forma geral, sobre a história da arte, onde as mulheres são protagonistas, mas também acionar metodologias que tragam as mulheres para a primeira pessoa. “O mal da desmemória mais avassalador é o que atinge a história das mulheres em todas as áreas do conhecimento.” enuncia Ana Mae Barbosa (2020, p.143), abrandar este mal é possível apenas através da realização de pesquisas que integrem as mulheres nas narrativas, o que para Barbosa é uma obrigação de toda pesquisadora.

A construção de arquivos e histórias que contemplem indivíduos invisibilizados vem sendo tema de debate em pesquisadoras que veem buscando formas de fazer isso, aqui citamos Simioni (2018), Barbosa (2020) e Souza (2018). Por vezes, como coloca Simioni, é uma tarefa detetivesca. Ao acionar a entrevista como método busca-se nas memórias das entrevistadas elementos, detalhes, filamentos, miudezas que por vezes passam despercebidas pela construção histórica tradicional.

Em relação aos Encontros de Arte Moderna, com a realização de seis entrevistas com participantes dos eventos, que se relacionam com ele de maneiras distintas, busca-se construir uma documentação paralela à já existente, que insere as mulheres em sua história, possibilitando tecer uma narrativa que priorize a presença e participação delas.

Referências

ARAÚJO, Adalice Maria de. **Dicionário das artes plásticas do Paraná**. Curitiba: Edição do autor, 2006.

BARBOSA, Ana Mae. **(Des)memórias**: por uma revisão feminista da História da Arte no Brasil. Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais UFPE-UFPB. N. 8, 2020.

BORBA, Ligia. [Entrevista concedida a] Kamila Tatiana da Cruz Bach. Curitiba, PR, março 2023.

CARVALHO, Josely. [Entrevista concedida a] Kamila Tatiana da Cruz Bach. Curitiba, PR, 2022.

FREITAS, Artur. **Festa no vazio**: performance e contracultura nos Encontros de Arte Moderna. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2017. 462p .

FOLONI, Silvia. [Entrevista concedida a] Kamila Tatiana da Cruz Bach. Curitiba, PR, março 2023.

GONZALEZ, Ana. [Entrevista concedida a] Kamila Tatiana da Cruz Bach. Curitiba, PR, 2022.

MENDES, Mazé. [Entrevista concedida a] Kamila Tatiana da Cruz Bach. Curitiba, PR, março 2023.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** SP: Edições aurora, 2016.

SCHUCHOVSKI, Stela. [Entrevista concedida a] Kamila Tatiana da Cruz Bach. Curitiba, PR, março 2023.

SETOR de pesquisa e documentação do museu de arte contemporânea do paraná. **Dossiê EMBAP**. Lista de formandos. Curitiba: SPD – MAC Paraná, 2022.

Simioni, Ana Paula Cavalcanti. **Mulheres artistas**: nos salões e em toda parte. Galeria Arte132. 1. ed. São Paulo : Arte132, 2022.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Dossiê Mulheres, arquivos e memórias**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: USP, 2018.

SOUZA, Milena Costa de. **Gênero, sexualidade e as relações paradoxais da construção de arquivos no mundo da arte**. R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.5, n.2, p. 036 – 048 Jul.-Dez. 2018.